



## A MEMÓRIA E A GEOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSOS TEÓRICOS PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA FEMININA

### THE MEMORY AND THE SOCIAL GEOGRAPHY AS THEORETICAL RESOURCES FOR THE (RE)BUILDING OF THE FEMALE MEMORY

### LA MEMORIA Y LA GEOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSOS TEÓRICOS PARA LA (RE)CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA FEMININA

**Nereida Maria Santos Mafra de Benedictis**

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com

**Rita Maria Radl Philipp**

Professora Titular da Universidade de Santiago de Compostela (USC – Espanha)

e do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: ritam.radl@usc.es

#### **RESUMO:**

A proposta aqui apresentada tem o intuito de realizar uma discussão acerca da produção da Tese de Doutorado, intitulada “Memória e Geografia Social de mulheres em Rio de Contas - Bahia: a participação feminina no processo de construção de uma sociedade”. As reflexões serão constituídas levando-se em consideração as concepções teóricas sobre: Memória, como um meio para a reconstrução da memória das mulheres estudadas, tendo como base os testemunhos e a prova documental; e Geografia Social, em que se fará uma análise desse ramo da Geografia Humana numa perspectiva geográfica do espaço como categoria de análise, que identificará nos espaços público e privado as relações instituídas entre homens e mulheres. As análises realizadas serão de suma importância para a apropriação dos contextos histórico e social que deram origem ao conhecimento sobre as mulheres e para a (re)construção das memórias femininas de mulheres latoeiras, comunistas, rezadeiras, educadoras e parteiras que permaneceram, por muitos séculos, invisíveis à história oficial.

**Palavras-chave:** Geografia social; memória; mulheres.

---

#### **ABSTRACT:**

The proposal presented here designs to accomplish a discussion concerning the doctorate thesis's production, entitled “Memory and women's Social Geography in Rio de Contas – Bahia: the female participation on the building process of a society”. The reflections will be constituted by taking into consideration the theoretical conceptions about: the Memory as a mean for the studied women's memory rebuilding, taking as a basis the testimonies and the documentary proof; the Social Geography, in which will be done a analysis of this Human Geography branch on a geographic perspective of the space, as a analysis's category of the Geographic Science, which will identify on the public and private spaces, the established relationships among men and women. The accomplished analysis will be extremely important to the appropriation concerning the historical and the social contexts that originated the knowledge about the women and the (re)building of the tinker, communist, praying, educator and midwife women who remained, for many centuries, invisible to the official history.

**Keywords:** Social Geography; memory; women's.

---

#### **RESUMEN:**

El artículo propuesto tiene como objetivo llevar a cabo una discusión sobre la producción de la Tesis Doctoral titulada "Memoria y Geografía Social de la mujer en Río de Contas - Bahía: la participación femenina en el proceso de construcción de una sociedad". Se harán las reflexiones teniendo en cuenta las concepciones teóricas sobre: Memoria, como un medio para reconstruir la memoria de las mujeres estudiadas, en base a los testimonios y pruebas documentales; y Geografía Social, en la que se revisará esta rama de la Geografía Humana en una perspectiva geográfica del espacio como una categoría de análisis, que identificará los espacios público y privado y las relaciones que se establecen entre hombres y mujeres. Los análisis serán muy importantes para la apropiación de los contextos histórico y social que han dado origen a los conocimientos de las mujeres y para la (re)construcción de la memoria de las mujeres latoeiras, comunistas, mujeres que rezan, educadoras y las parteras que quedaron, por muchos siglos, invisible a la historia oficial.

**Palabras clave:** Geografía Social; memoria; mujeres.

## 1 INTRODUÇÃO

Os referenciais teórico-conceituais da memória e da geografia social tem permeado diversos debates e vem se constituindo em um campo fértil de realização de pesquisas, despertando pesquisadores para a importância destas questões, que têm sido cada vez mais frequentes em diferentes linhas de pesquisas. Os resultados destas ideias trazem contribuições significativas e possibilitam revelar muitos aspectos que permaneciam à margem da análise das Ciências Humanas e Sociais.

Sabemos que o contexto no qual estamos inseridos é essencialmente complexo e dinâmico. Diante desta constatação, entendemos que o campo da memória nos permite uma visão diferenciada sobre determinados contextos, principalmente, nos estudos sobre as mulheres, pois proporciona a percepção de vertentes ainda pouco exploradas e abastadas de significados no que concerne ao espaço social e suas vivências.

Nesse sentido, o estudo sobre as mulheres se constitui como um importante campo do saber que ainda carece de pesquisas, sobretudo, no que diz respeito ao seu papel na sociedade. Destaca-se que tal importância se deve às mudanças históricas que ocorreram na sociedade e que impulsionaram novos espaços para as mulheres, especialmente, no espaço público.

Nesse contexto, o *locus* desse estudo foi a cidade de Rio de Contas-BA, que foi um importante centro aurífero da Chapada Diamantina, durante os séculos XVII e XVIII, possuindo uma vinculação na formação da sociedade, com o processo de mineração. Essa realidade favoreceu o crescimento urbano e possibilitou o surgimento de novas atividades econômicas, produzindo marcas na arquitetura da cidade com a construção de grandes casarões e prédios, e em relação à população, desenvolveu outros valores nas artes e educação e, sobretudo, novos hábitos e costumes.

Portanto, essa cidade foi um espaço importante do saber das mulheres, que tiveram uma expressão na organização da sociedade, como educadoras, latoeiras<sup>1</sup>, comunistas, rezadeiras ou parteiras. É certo que o estudo sobre a Memória e a Geografia Social de mulheres nesse Município, devido à escassez de fontes, se constitui como um campo em construção. Por isso, há lembranças que precisam ser testemunhadas, investigadas e avaliadas. É um caminho que exige um olhar sem convencionalismos presentes nas fontes documentais e no espaço social da cidade.

É, também, o momento de compreender as mudanças, contextualizando o que aconteceu no espaço e no tempo, com os seus sujeitos, em particular, as mulheres. É o movimento da lógica

<sup>1</sup> Mulheres que trabalham na produção de peças artesanais, utilizando a liga de cobre e zinco como matéria prima.



constituída, que desempenhou um papel no processo histórico de transformar mentalidades e ideologias arraigadas na memória individual e coletiva.

## 2 O TRABALHO DE CAMPO

Para a compreensão sobre a participação e a relevância do papel das mulheres nessa sociedade, buscamos, junto à população da cidade de Rio de Contas e das comunidades de Barra, Bananal e Mato Grosso, situadas no Município, a recomendação de mulheres que foram expressão para a cidade. A partir da pesquisa exploratória foram indicados os nomes de: Maria Madalena Brandão dos Reis (cidade de Rio de Contas), D. Ana Silva (cidade de Rio de Contas), Euflozinda Novaes da Silva (cidade de Rio de Contas), Guiomar Neves (cidade de Rio de Contas), Ana Carolina Aguiar, conhecida como Sá Ana da Comunidade de Barra e Bananal, e Aurora Ramos Lima do Povoado de Mato Grosso.

As informações colhidas demarcaram um contexto completamente diferente de outras mulheres que estão presentes na memória dos documentos do Arquivo Público Municipal de Rio de Contas. Com exceção de D. Aurora, que era branca e educadora possuindo formação até a 4ª série primária, as demais eram negras, iletradas e possuíam um papel significativo no espaço público dessa sociedade emblemática. Alguns relatos apontam um caráter de resistência frente a uma sociedade preconceituosa e discriminadora. A discriminação não era apenas por ser mulher, mas também pela cor, condição social e por serem, também, da zona rural. Outro fator importante é a base temporal da pesquisa, todas essas mulheres foram contemporâneas umas das outras, por isso, ao rever os testemunhos e os registros de nascimento e de óbito, verificamos que essa base deveria compreender o período de 1900 a 1990.

Portanto, abordar a memória e a geografia social de mulheres nessa cidade foi um desafio, pois remete às questões estruturais de uma sociedade tradicional e conservadora. Contudo, a memória social aponta essas mulheres como atuantes, revolucionárias, líderes e conselheiras que não se calavam diante das injustiças sociais. Diante disso, uma proposição mobilizou o caminho da pesquisa: a de que a memória social de Rio de Contas multireferencia a mulher como sujeito ativo na organização política, social e econômica do Município.

Assim, esse estudo foi esboçado para permitir o conhecimento dos testemunhos, das condições de vida das mulheres indicadas pela população riocontense, tendo como recurso a Memória e a Geografia Social como importantes campos dos saberes sobre as mulheres no processo de organização da sociedade.

O conhecimento sobre o papel da mulher nessa sociedade nos permitiu adentrar no seu espaço de vivência. Esse lugar é onde as relações sociais são concretizadas por meio dos quadros sociais que a compõem. Esses quadros são estabelecidos por uma rede de relações sociais e são representados pela Família, Igreja, Estado, Escola, etc.

Arraoar sobre o espaço de vivência é refletir acerca do espaço social, da Geografia Social, isto é, do modo de viver de uma sociedade, da sua organização, normas, ideologias, do seu processo de desenvolvimento, de suas relações, contradições, comportamentos, instituições.

Deste modo, o estudo sobre a Geografia Social, especificamente, de mulheres, refletiu sobre os aspectos que definiram o lugar dessas mulheres no espaço de Rio de Contas, não apenas físico, mas, sobretudo, social, no mundo privado e público das relações sociais. Esse conhecimento investe a geografia da possibilidade de estudar sobre os povos, as raças, as religiões, a vida econômica, a cultura, a política e as mulheres. Pois essa ciência poderá nos fornecer a visão de mundo que acrescentará e abrangerá a distinção entre os espaços públicos e privados, associados à mulher e ao homem.

### **3 REFLEXÕES PARA O ESTUDO SOBRE AS MULHERES**

O arranjo do espaço social, por meio dos quadros sociais, permite a ordenação de uma estrutura que marca o papel de cada indivíduo na sociedade. Nessa forma de organização e no papel que cada sujeito realiza, surge a estratificação social. Esta, por sua vez, compreende a divisão hierárquica estabelecida entre os sujeitos dentro dessa estrutura, os quais possuem papéis diferenciados, aqui representados pelas mulheres e homens.

Essa apreensão parte da concepção de que não é apenas o aspecto econômico o motivador das desigualdades na sociedade, pois, se assim o fosse, a mulher que estivesse atrelada a uma determinada classe não sofreria discriminações. No entanto, não é isso que se observa na história das mulheres, pois, tanto as que pertencem a um nível elitizado da sociedade, como as que pertencem a uma classe menos abastada são vítimas do preconceito e discriminação. Portanto, é necessário identificar, nos grupos, os aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais que influenciam no comportamento, no modo de ser e ver de cada sociedade no tempo e espaço.

Nesse contexto, o estudo sobre os aspectos da vida das mulheres na sociedade riocontense possibilitou a apreensão dos seus valores e da sua memória como uma construção social. Para Halbwachs (2006), na sociedade há uma diversidade de comportamentos, intenções, anseios, e essas características se materializam por meio das relações sociais. Diante disso, algumas questões nortearam a pesquisa: Onde as mulheres aparecem nessa sociedade? Por que galgaram essa



confiança? Qual a expressividade dessas mulheres para a sociedade riocontense? A posição que assumiram era decorrente de alguma formação?

Essa visão atribui à memória a função de fomentar a relação entre os membros de um grupo, tendo por base o seu passado coletivo, com valores e significações. Dessa forma, a memória coletiva é o lugar de ancoragem da identidade do grupo, de base comum, cujas características atribuem a sua continuidade no tempo e no espaço (HALBWACHS, 2006).

Em Simone de Beauvoir (1949), ponderamos sobre algumas questões, que não fizeram parte do nosso objeto de estudo, mas que contribuíram para a ordenação do pensamento para o conhecimento sobre o papel da mulher na sociedade de Rio de Contas: ser mulher compromete as suas vidas? Quais as possibilidades oferecidas, e quais lhes foram negadas? Qual é a condição feminina? Como superar as desigualdades?

Corroborando com o pensamento da autora, compreendemos que a utilização da Geografia Social e da memória foram recursos importantes para a compreensão do comportamento e da situação das mulheres em sociedade. Esse conhecimento compreendeu a análise do sujeito envolvido em relações com outros, sendo o espaço o meio que concede a conexão entre os acontecimentos. O espaço é o alicerce para compreensão do mundo vivido, portanto é a totalidade das ações e interferências do meio onde o sujeito se encontra. A memória é a base para a experiência vivida, o exercício de transmissão e tradições que são expressas pelos sujeitos por meio dos grupos de que participa.

Ressalta-se que os trabalhos alusivos às mulheres, nesse período, possuem certa limitação em relação às fontes documentais. A pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal de Rio de Contas retrata de forma reduzida sobre as mulheres. E, no caso das mulheres selecionadas, em virtude de sua condição social, não foi encontrado nenhum documento sobre a vida delas, as quais, de forma discreta e revolucionária, vivenciaram esse período histórico e contribuíram para a organização da sociedade riocontense.

O presente estudo abrange uma discussão complexa, que envolve os aspectos epistemológicos sobre o conhecimento das mulheres. Por conseguinte, é um processo que foi aprofundado por meio de uma investigação científica, tendo como base uma concepção epistemológica-crítica-emancipativa.

#### **4 A BASE TEÓRICA DA PESQUISA**

Diante do exposto, para a abordagem teórica foram considerados, principalmente, três campos de estudo: da Memória, da Geografia Social e do Conhecimento sobre as mulheres. Assim

sendo, no que concerne à memória, buscamos o suporte teórico, principalmente, em Halbwachs (2004, 2006), Ricoeur (2007), Benjamim (1986, 1987) e Ochoa (2005). No que se refere à Geografia Social, encontramos o referencial teórico em Santos (2002), Soja (1989), Carlos (2005), Malheiros (1994), entre outros. E, em relação ao Conhecimento sobre as mulheres, encontramos em Beauvoir (1949) e Philipp (2008, 2010) os elementos norteadores para a compreensão do papel, do conhecimento e dos direitos das mulheres. Assim, abordaremos, de modo sucinto, algumas questões pertinentes aos campos mencionadas, os quais foram usados na Tese.

#### 4.1 Concepções sobre a Memória

A memória passou a ser um instrumento importante para compreensão de fatos que antes não eram percebidos. Destarte, trouxe importantes aportes teóricos para a percepção daquilo que, segundo Ricoeur (2007), aconteceu no tempo, possui uma continuidade e oferece uma melhor apreensão do passado.

Em razão dessa realidade, o estudo sobre a memória se constitui como um importante campo do saber e demarca uma multiplicidade de conhecimentos. Tomando como base os estudos de Durkheim, o sociólogo francês Maurice Halbwachs, em 1925, em sua obra “Os Contextos Sociais da Memória”, compreende uma impossibilidade na concepção das recordações e na localização das lembranças fora de um contexto social real, necessário na reconstrução da memória (2006). Para o autor, é impossível conceber a *memória* fora das relações sociais dos grupos, já que ela é produto do pensamento coletivo.

Essa visão ultrapassa a dimensão da memória individual, pois a memória não seria apenas do indivíduo, uma vez que não está materializada nos corpos ou mentes e sim na sociedade circundante através dos grupos sociais que a compõem. Diante disso, a memória é concebida como um fato social delimitado por meio dos padrões de comportamento (HALBWACHS, 2006).

Esse pensamento nos conduz a compreensão da memória como dotada de uma coerção social, que é exterior ao indivíduo. Por isso, não é um fenômeno orgânico e nem psíquico, pois emerge nas representações e ações de uma coletividade. Com essa concepção sociológica, Halbwachs (2006) tem a compreensão de que a memória está sujeita aos quadros sociais, como a Família, a Igreja, o Estado, etc. Essa lógica é incorporada ao contexto das representações coletivas vinculadas ao cotidiano dos grupos com a tradição. Assim, a construção da memória, nos indivíduos, manifesta-se por meio de uma disposição eventual das memórias dos diferentes grupos. Para o autor, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas e não ultrapassa seus limites, ou seja, o seu tempo.



Essas memórias individuais e do grupo são atestadas por Ricoeur (2007), quando traz a discussão sobre a veracidade do testemunho como uma ferramenta metodológica para o campo da memória. O autor concebe a memória como a guardiã do que "efetivamente ocorreu no tempo", é uma matriz da história. Ela inicia por meio do testemunho, a chamada memória declarativa, que se localiza no espaço-tempo histórico dos grupos e na sociedade. Essa visão conduz à compreensão da memória como capaz de remeter ao passado por algum acontecimento que ficou guardado, arquivado na mente humana. Ricoeur reflete sobre o que está sendo e foi escrito, afirmando que o conhecimento não tem início nos registros e sim nos testemunhos. Dessa forma,

[...] apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos (RICOEUR, 2007, p. 156).

Para o autor, “[...] se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar [...]” (2007, p. 40). A veracidade da memória parte, então, da confiabilidade e da certificação biográfica dos testemunhos e se apresenta como o “[...] nível médio de segurança de linguagem de uma sociedade” (2007, p. 175).

O autor promove uma viagem filosófica no capítulo que retrata sobre a Fase documental: a memória arquivada, em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, discutindo sobre o constitutivo dos testemunhos para a pesquisa, nos chama atenção para a confiança em relação aos testemunhos, pois é o momento de atestar com a prova documental, isto é, a memória viva e a história escrita. A memória seria um recurso importante para o conhecimento de um determinado fato, por meio do testemunho.

A relação da memória viva com a história escrita reflete a discussão que se faz sobre a veracidade do testemunho para a História. Pois, para esta, os documentos traduzem certa eficácia que os conduzem a uma segurança sobre o que está sendo construído. Contudo, Benjamin (1987, p. 224) ao buscar uma compreensão da sociedade moderna enquanto crítico da filosofia do progresso assinala que “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi”, visto que é uma reminiscência. Em virtude disso, o autor indica que a memória é um recurso de exploração do passado (1987, p. 239). Por isso, é necessário escavar com certo cuidado para não a tornar reprodutora de histórias.

Para Benjamin (1986), a escrita da história está intrinsecamente ligada às questões relacionadas a uma prática política e à narração. Por isso o autor produz as suas teses questionando

sobre “[...] o que é contar uma história, histórias, História?” (p. 07). Esse autor indica uma desconstrução do que ele denominou de repetição histórica em um tempo que não é vazio e nem homogêneo, pois a historiografia oficial, positivista, disseminou a história dominante sobre o progresso e a modernidade da sociedade capitalista, sendo, portanto, reproduzida de forma linear, ratificando a visão dominante.

Dessa maneira, o lugar do testemunho na História perdeu importância ao ser submergido por uma gama de documentos. Sem os testemunhos, a memória perde sentido e se torna absorvida pela historiografia. Dessa forma, o lugar dos acontecimentos - o espaço habitado, lugar de base para a memória coletiva e a individual - se desfigura (RICOUER, 2007).

## 4.2 O olhar sobre a Geografia Social

Considerando os aspectos notados, é importante ressaltar que o espaço habitado é, para a Geografia, o lugar de vida das mulheres, dos homens e das crianças, ou seja, o espaço social, criado por meio das relações sociais e do trabalho. É importante explicar, ainda que haja um sistema de ideias e um poder econômico dominantes, que o estudo sobre a configuração do espaço não necessita depender exclusivamente dos aspectos econômicos, pois o colocaria fora da concepção de totalidade, e ao mesmo tempo perderia sua característica de estrutura social, visto que o econômico se apresenta como mais uma realidade. Portanto, a apreensão da totalidade, por meio do pesquisador, torna-se um exercício infável para o conhecimento das partes e do seu funcionamento.

A Geografia Social, parte da Geografia Humana, cujo surgimento se deu na França, em meados da década de 1960, impelida por explicações marxistas sobre a sociedade, adotou a ordenação espacial como resultado das relações sociais de produção, envoltas numa estrutura de classes. Porém, nas décadas de 1970 e 1980, período de intensos movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, existiram novas discussões sobre as desigualdades sociais, as quais foram abarcadas pela Geografia Marxista (MALHEIROS, 1994).

Conhecendo essa complexidade, alguns geógrafos ligados à Geografia Social pautaram sobre as desigualdades sociais e incorporaram a dimensão da injustiça social, especificamente, sobre as temáticas do patriarcalismo e o racismo, que embora tenham uma analogia com a estrutura de classes, não procedem, unicamente, dela (MALHEIROS, 1994). Sobre isso, Soja (1989, p. 74) reflete:



A Geografia Humana reconstituída deve voltar-se para as lutas emancipatórias de todos aqueles que são marginalizados e oprimidos pela geografia específica do capitalismo (e do modelo de socialismo existente, também) – trabalhadores explorados, povos tiranizados e mulheres dominadas.

Esse entendimento aponta as dimensões de gênero e raça como temáticas que devem ser apropriadas pela Geografia Social contemporânea, introduzindo a visão de que sexo e raça devem ser considerados no interior das discussões. Nesse contexto, a Geografia Social estuda o espaço humano ou social expresso no meio de vida do homem, por isso é mutável no processo histórico, é social. Conforme Santos (2002), o espaço é o conjunto de formas e de funções que são testemunhas da história “[...] escrita por processos do passado e do presente” (p. 153). Portanto, não há como estudar a memória de mulheres de uma dada sociedade sem conceber esse conjunto de representações das relações sociais do passado e do presente.

No espaço geográfico, as ações e os objetos são inseparáveis, e realizar um estudo sem tal consideração não teria sentido, visto que o espaço social está conjugado ao espaço geográfico, e os objetos só têm significado por meio da ação humana. Santos, ainda reflete que “[...] quando se admite que o espaço é um fato social, é o mesmo que recusar sua interpretação fora das relações sociais que o definem” (SANTOS, 2002, p. 163).

Assim, o espaço da sociedade materializa-se como produto de forma diferenciada, logo, torna-se uma arena de lutas dos diversos grupos, assentada por conflitos decorrentes de contradições inerentes às diferentes necessidades e aos pontos de vista de uma sociedade de classes.

Em oposição a essa realidade, surgem os movimentos sociais ancorados, sobretudo, nesses conflitos, na luta entre o mutável e o permanente, entre o racional e o irracional. Assim, para compreender a sociedade, bem como a sua dimensão social e histórica, é necessário entender o espaço onde ela se situa, o seu cotidiano, o modo de vida. Pois, o espaço materializa-se nas relações da história das mulheres e dos homens, carregada de ideologias como resultado do processo de trabalho, de sua divisão técnica e também de sua divisão social.

### 4.3 O conhecimento sobre as mulheres

O interesse pelo conhecimento sobre as mulheres ocorreu, sobretudo, quando buscamos em Beauvoir (1949), em sua obra, intitulada *O Segundo Sexo*, a concepção sobre a história geral da condição da mulher e suas experiências na sociedade moderna. Porém, algumas reflexões da autora foram rechaçadas em decorrência do entendimento de que a mulher não é vítima e nem cúmplice do domínio masculino, ao contrário, ela é resistente.

A referida filósofa retrata sobre a história das mulheres, a luta pelos direitos políticos, do estudo e de poder sair do espaço privado e ser uma cidadã no espaço público. Faz ainda a comparação da condição feminina com os vassallos negros - o problema delas não seria apenas de cor e sim com as relações que foram estabelecidas com os homens, uma relação sexista. Para Beauvoir (1949), a mulher não possui passado e nem história própria, essa circunstância lhes foi retirada, foi transformada em virtude da maternidade.

A autora buscou descrever essa condição feminina, mas não o faz numa lógica do movimento feminista. Ela não nos oferece uma maneira de olhar para essas mulheres e ter a concepção de que a sua história existe e que precisa ser escrita, estudada, conhecida. Em verdade, não aponta para um estudo sobre o conhecimento das mulheres, apesar da sua importante contribuição para esse estudo.

Philipp (2008) confirma que as investigações sobre as mulheres e de gênero apontam, nas ciências sociais, para uma neutralidade axiológica do conhecimento, partindo de uma visão androcêntrica, isto é, uma relação hierárquica de dominação na qual as mulheres são concebidas como inferiores pelos homens, ou seja, uma visão de dominação. Essa neutralidade axiológica da ciência moderna tem sido amplamente criticada, pois exacerba seus critérios por meio de uma legitimação ideológica da desigualdade, uma limitação dos processos de investigação, partindo da universalidade e objetividade da ciência, sem, contudo, fazer uma reflexão da conjuntura do processo social e histórico.

A teórica reflete que as discussões atuais sobre gênero são parte da estrutura social que estabelece novos papéis para ambos os sexos e, portanto, requer uma nova concepção de identidade tanto para as mulheres como para os homens. Para a autora, torna-se necessário uma nova redefinição dos papéis masculino e feminino, sobretudo, no que diz respeito aos espaços doméstico privado, público e do trabalho-extradoméstico. Portanto, compreender as diferentes funções executadas pelas mulheres e pelos homens em nossos dias, por meio da divisão sexual do trabalho, é de suma importância para o conhecimento da condição da vida das mulheres em sociedade.

Conforme Philipp (2008), é necessário que o gênero masculino também assuma as funções que eram tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres. A autora defende uma nova concepção de identidade de gênero masculina e feminina, sobre a qual se estabelece os valores do cuidado, ancorada em orientações de moral e justiça num plano horizontal e não vertical. Torna-se essencial uma recuperação dos valores que foram imputados historicamente à memória coletiva feminina, bem como a compreensão de um caráter epistemológico com os valores do cuidado por meio de uma visão feminista.



## 5 A PARTE METODOLÓGICA

Para estudarmos sobre a temática foi necessário conhecer o papel das mulheres estudadas na estrutura de suas relações com a sociedade e o intrincado conjunto de construções e reconstruções da memória social.

Nesse sentido, rememorar essas vidas é compreender essa sociedade que traz no seu âmago um conservadorismo, por meio do qual as mulheres eram incessantemente cerceadas em seus direitos e padrões. Por isso, tiveram de enfrentar essa realidade a fim de avaliar a sua condição e o seu papel frente a uma sociedade androcêntrica.

Assim, o presente estudo possibilitou, além do conhecimento das mulheres, a valorização da sua expressão, do seu testemunho e do seu lugar no espaço/tempo. Em relação à Geografia, foi um desafio estruturar esse estudo fora da perspectiva tradicional, a qual referencia a mulher, por meio da condição humana, numa dimensão social que se configura, sobretudo, por descrições e análises de temáticas envolvendo, em certa medida, um caráter exclusivamente masculino.

Deste modo, para distanciarmos dessa configuração, foi realizado um conhecimento sobre a situação da mulher nos grupos sociais, com o objetivo de situá-las no tempo e espaço, pois tanto o tempo como o espaço possuem um papel relevante para a conservação da memória (OCHOA, 2005). Assim, o estudo foi realizado por meio de uma concepção social, bem como por sua representação do espaço feminino no interior dos grupos, seja ele privado ou público.

Nesse contexto, qual a expressividade dessas mulheres para a sociedade de Rio de Contas? A posição que assumiram tem uma relação direta com alguma formação? Para dar suporte a essa pesquisa, foi utilizado a memória das experiências pessoais que foram vividas pelas mulheres em um contexto social (OCHOA, 2005).

Partindo dessa discussão, a concepção de espaço foi baseada na visão de Santos (2002), que concebe o espaço como humano ou social. De acordo com esse autor, o espaço social também é o espaço geográfico, ele é “[...] testemunha da memória do espaço construído das coisas fixadas na paisagem criada” (p. 173).

E, para apreender a memória das mulheres nesse espaço, apropriamos da noção do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória social ou coletiva. O lugar da construção da memória é no espaço, ambiente dos grupos, nos aspectos da vida e da estrutura da sociedade, porque ele traz a marca dos grupos sociais e, sem o qual, nenhuma memória coletiva se desenvolveria. Para o autor,

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebeu a marca dos grupos e vice-versa. Todas as ações dos grupos podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos (HALBWACHS, 2006, p. 160).

Isso significa dizer que cada detalhe do espaço diz respeito aos membros dos grupos, pois o lugar por eles ocupado possui uma estrutura e estilo de vida que lhes são peculiares, pois os grupos se fecham na conjuntura que construíram. Dessa forma, os grupos se vinculam a um determinado lugar/espço, pois essa relação os torna próximos e cria entre os seus membros as relações sociais.

## 6 RESULTADOS ENCONTRADOS

Com a realização da pesquisa foi possível constatar que a maioria das mulheres estudadas pelo Movimento Feminista possuía uma posição social de destaque, pois eram escritoras, leitoras, mulheres que viviam nas cidades. Como a base de discussão clássica aponta para a compreensão de que as mulheres não estão no espaço público e que seria necessário conquistar esse espaço para ter uma igualdade com o homem.

Nesse estudo, contraditando ao do movimento foi identificado que a sociedade de Rio de Contas faz referência às mulheres como participantes da organização dessa sociedade. Esse fato pode ser comprovado por meio dos testemunhos e das entrevistas realizadas. Nas narrativas foi impressionante as falas dos testemunhos tecendo comentários e reafirmando que as mulheres estudadas eram batalhadoras, mulheres de “fibra”, valentes, sábias, dotadas de conhecimento, que não se calavam diante das injustiças sociais. Foram mulheres que, independente da classe social, estão sendo reconhecidas por homens e mulheres como sujeitos que desempenharam seus papéis junto à sociedade.

Mulheres que ficaram para a história, que romperam com a discriminação e o preconceito que lhes era imputado. Foi o caso de Maria Brandão, Dona Eufrosina e Dona Ana. Como foram contemporâneas, juntas viveram períodos difíceis na cidade de Rio de Contas, mas não deixavam de abrir novos caminhos, novas perspectivas para elas e suas famílias. Os trechos a seguir, narrativas dos testemunhos coletados em campo, evidenciam esses aspectos:

**Sobre Maria Brandão:** Cresceu lutando, trabalhando, ela nunca gostou de ser dominada pelos outros, essa família sempre foi assim, sempre quis ser autônomos, dizia ela que era porque o pai dela foi criado como escravo e que ela não queria isso pra ela. Ela estudou nesse sobrado, até construir o Barão de Macaúbas.



**Sobre Dona Eufrosina:** No meu tempo que eu conheci, ela sempre foi uma mulher guerreira, batalhadora, ela trabalhava não só no serviço da tenda, mas também nos serviços extras, pois ela tinha assim, aquela energia, às vezes ensinava os filhos a trabalhar todos na tenda. Nisso ela pegava outro trabalho, outros como lhe falei que naquela época tinha os marchante né, que num era marchante, na época, eu num sei, ela pegava aquele trabalho de pegar aqueles patos e destrinchar e depois devolver para os donos. Era uma troca né de fazer aquele trabalho, ela teve 20 filhos e só permaneceram 11. Ela teve caso com outros homens, além do marido, eu não sei quando ele morreu.

**Sobre Dona Ana Avelina:** Minha mãe é Ana Avelina da Silva, ela era latoeira, minha mãe nasceu no dia 09 de dezembro de 1916. Ela trabalhava na tenda de latoaria, aqui. Minha mãe só tinha um casal, eu e um menino, Israel. Eu fui uma pessoa que comecei a trabalhar quase com cinco anos, as coisas eram assim caseiras né, e pegava muita lenha e com isso a gente não tinha muita liberdade assim de sair, às vezes ia na igreja, mas só ia acompanhada.

Essa realidade revela que a memória social de Rio de Contas remete para a escrita de uma nova História, protagonizada por mulheres pobres que submergiram da invisibilidade para fazer parte de uma memória social que não está nos arquivos ou nos documentos, mas na memória de vida de uma sociedade marcada por tradições.

Em relação ao protagonismo e à participação social no espaço público, os testemunhos evidenciaram que as mulheres estudadas não possuíam o comportamento básico feminino que foi observado nos documentos e jornais do Arquivo Público Municipal de Rio de Contas. Foi constatado um quadro social diferente daquele vivenciado e experienciado.

As mulheres pesquisadas não vivenciaram apenas o espaço privado, pois necessitavam do espaço público para manutenção e sustento da família. Dona Ana Avelina e Dona Eufrosina além de mulheres latoeiras, também garimpavam ouro e foram artesãs, contribuindo de forma direta para a economia do Município. Os espaços ocupados por essas mulheres eram diferenciados, pois partilhavam dos espaços público e privado e possibilitaram à sociedade a manutenção de um padrão social e a produção e reprodução do próprio espaço social.

O exemplo de Dona Ana Helena (Sá Ana) e Dona Aurora na zona rural do Bananal e de Mato Grosso, respectivamente, nos faz pensar em um padrão de mulher trabalhadora, atuantes em suas comunidades, mulheres que não se conformaram com as desigualdades, que ensinaram, que exerciam papéis de autoridade, papéis de suma importância para a sociedade local no que diz respeito à saúde, à educação e à religiosidade.

Nesse sentido, a descoberta desse padrão se distancia das discussões propostas por algumas teóricas do Movimento Feminista, pois essas mulheres não foram apenas invisíveis, elas transformaram as comunidades que viveram. Conforme relato de testemunhos sobre Sá Ana

Após a morte de Sá Ana, para Dona Lurdes, o povoado não foi mais o mesmo, ficou um vazio. [...] Os homens tinha muito respeito por ela, o que ela falava ta falado, ela dizia assim: Ana Helena está falando! Ela tinha influencia entre os homens pra decidir as coisas na comunidade. Naquele tempo não tinha muitas reuniões que tem hoje, mas qualquer coisa que tinha uma desavença na família, todo mundo ia lá conversar com ela (PROFESSORA DA COMUNIDADE DA BARRA)

Sobre Dona Aurora, a sobrinha relata:

Minha tia era uma mulher muito boa, ela era dona de casa, trabalhadora de casa e professora, uma excelente professora. Uma pessoa que trazia muita influência, tanto religiosa, como na educação.

Essas narrações demonstram que tais mulheres foram referências para suas comunidades. As pessoas confiavam nelas, tinham segurança nas ações desenvolvidas por elas. Eram mulheres cujas vidas se entrelaçam com a história da comunidade. Esse aspecto se repete também com Maria Brandão, mesmo sendo discriminada, ela ocupa um lugar na memória social. Uma testemunha nos disse: “aqui em Rio de Contas teve uma mulher negra, que foi comunista, revolucionária e foi até para a Rússia”. Foram mulheres que não tiveram suas vidas escritas, mas que permaneceram na memória social de suas comunidades.

## 7 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No presente trabalho realizamos uma discussão sobre a reconstrução das memórias e o conhecimento da Geografia Social de mulheres da sociedade riocontense. Esses campos de saberes foram importantes recursos para compreender o protagonismo e a participação das mulheres como sujeitos das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais dessa sociedade cheia de tradições.

É importante enfatizar que a Memória e a Geografia Social nos deram condições de olharmos para os espaços público e privado e perceber as mulheres que até então se encontravam invisíveis aos olhos dos pesquisadores e das pesquisadoras, mas que estavam presentes na memória social de Rio de Contas. Salientamos ainda que as mulheres pesquisadas não foram escolhidas por nós, mas a sociedade riocontense que rememorou as suas memórias e as apontou como mulheres que foram importantes para a sociedade local.

Sendo assim, essa pesquisa foi importante porque contribui para uma nova abordagem sobre a discussão do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade brasileira, que até então eram



retratadas, de acordo com os teóricos dessa temática, como mulheres que não trabalhavam, que não exerciam um papel no espaço público, exerciam funções estritamente domésticas.

Por conta disso, percebemos que essas teorias estavam retratando a realidade das mulheres da camada abastada deixando de fora as mulheres das camadas menos favorecidas. A nossa pesquisa foi e é essencial para uma nova discussão do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade brasileira que vai além das do que foi retratado pelos teóricos e teóricas, tomando como base as camadas menos abastadas.

A importância desse estudo esteve exatamente na reconstrução das memórias das mulheres, pois as suas relações eram muito mais complexas do que era apresentada pela teoria vigente. O que nos aponta ser essa uma visão reducionista em relação à realidade, pois em nossa pesquisa encontramos uma conjuntura divergente da que nos foi apresentada até então.

Nesse contexto, a pesquisa passa a ser também uma referência para os estudos da memória das mulheres no espaço social, pois constatamos que as mulheres participaram ativamente nos dois espaços, privado e público como latoeiras, educadoras, rezadeiras, benzedadeiras e políticas.

Outro aspecto que consideramos importante é que por meio desse trabalho novos pesquisadores e pesquisadoras que vierem a estudar sobre essa temática poderão municiar-se de uma nova perspectiva que foi principiada por nós, no sentido de dar visibilidade à memória social de suas tradições e de uma história que por muitos séculos permaneceu escondida nos registros da História, principalmente aos estudos que dizem respeito à participação das mulheres menos abastadas da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Português. Martins Fontes, 2007.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo** – fatos e mitos. Tradução de Sérgio Millet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1986. 331 p.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/ do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 85 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, 224p.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la Memoria**. Trad. de Manuel A. Baeza y Michel Mujica – Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de La Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004. 431p.

HANSON, S. 1992. Geography and Feminism: Worlds in Collision? Presidential Address. In: **Annals of the Association of the American Geographers**. 82(4) 569-586.

HANSON, S. e PRATT, G. 1988. Reconceptualizing the links between home and work in Urban Geography. In: **Economic Geography**. Vol. 64(4) pp.299-321

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Informações Estatísticas: Rio de Contas BA. 2010 e 2012**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 09 fev. 2013.

MALHEIROS, J. M. **Tendências recentes na Geografia Social: o estudo dos grupos desfavorecidos**. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa. 1994.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007, 188p.

OCHOA, M. M. Los estudios sobre La memoria y los usos del pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. In: **Cuadernos de Ciencias Sociales, Costa Rica, de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales**. Primera edición: febrero 2005.

PHILIPP, R. R. Questões epistemológicas sobre gênero: o debate atual. In: **Publicatio Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**. Vol. 16, Nº 1 (2008). Site: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/613>.

\_\_\_\_\_. **Sociología Crítica: Perspectivas Actuales**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

\_\_\_\_\_. Aspectos epistemológicos de las investigaciones de las mujeres y del género. In: **Investigaciones actuales de las mujeres y del género**. Org.: Rita M<sup>a</sup> Radl Philipp. Santiago de Compostela: Universidad, Servizio de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. 295 p.

PLATÃO. Fédon. In: **Diálogos: Fédon - Sofista - Político**. Ediouro, s/d.

\_\_\_\_\_. **Fedro, ou da Beleza**. Lisboa: Guimarães, 1990.

\_\_\_\_\_. Diálogos. In: **Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SOJA, E. **Geografia Pós-moderna**. Verso, Londres, 1989.



Recebido em 10 de outubro de 2016  
Aprovado em 19 de abril de 2017

